

Narrativas LGBTQIAPN+:
***“a gente não quer só comida,
a gente quer comida, diversão e arte”¹***

Camila Rocha Ferreira

Germanne Patricia Nogueira Bezerra Rodrigues Matos

Marisa Accioly Rodrigues da Costa Domingues

Dialogar sobre o processo de envelhecimento implica em falar sobre velhices plurais nos contextos das sociedades e dos grupos populacionais. Na intersecção com a identidade de gênero e a orientação sexual, inscritas na singularidade dos percursos de vida, descortina-se no mundo moderno a complexidade do envelhecer na comunidade LGBTQIAPN+.

A longevidade desse grupo social é um marco da contemporaneidade. Há algumas décadas essa população não conseguia chegar até os 60 anos de idade, em decorrência de uma conformação societária excludente, da LGBTfobia e de diversas outras formas de violência que marcaram, e ainda marcam, as vivências cotidianas dos sujeitos desse segmento. Rebellato e Crenitte (2021, p.2) afirmam, contundentemente:

No Brasil, os LGBTI+ idosos são aqueles que não morreram de fome pela falta de oportunidade ao longo da vida ou violentamente assassinados, dados como desaparecidos durante a ditadura. Também são aqueles que não foram vítimas da Aids e, agora, da Covid-19. Tantos outros foram discriminados e hostilizados por seus familiares e comunidade.

Os dados estatísticos brasileiros denunciam que a cada hora uma pessoa LGBTQIAPN+ é agredida, revelando uma realidade cruel vivida em tempos atuais por indivíduos que buscam apenas ter expressão, espaço e legitimidade, mas que têm encontrado silenciamento, invisibilidade e estigmatização. Pondera-se que a persistência do pensamento heteronormativo reforça o tabu em torno da homossexualidade e das demais expressões identitárias consideradas dissidentes, gerando um contrassenso que reitera preconceitos e violências cujos destinatários representam cerca de 10% da população nacional. Incluindo o marcador etário, chega-se ao número aproximado de 3,1 milhões de pessoas idosas LGBTQIAPN+ no Brasil (FERNANDES, 2020) que, além das discriminações com raízes de sexo-gênero, convivem diariamente com o idadismo e outras múltiplas violações de direitos humanos, mas que, ainda sim, permanecem sem serem vistas e ouvidas.

¹ Trecho da música *Comida*, interpretada pelo grupo Titãs. Compositores Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto (1987).

É notório que essa população está reiteradamente em busca de abrigo, proteção e segurança para permanecer viva e alcançar o direito de desfrutar de suas velhices, construir suas narrativas e exercer seus próprios modos de vida. Contudo, esse abrigo, muitas vezes, representa outra forma de silenciamento, por situar-se, quase sempre, nas imediações do simbólico armário:

Quantos velhos não podem, até hoje, serem quem são? Não podem amar ou declarar o seu amor? Sofrem calados por medo, por vergonha, por compaixão. Quantos morreram ou irão morrer sem expressar a sua identidade de gênero e orientação sexual? Quantas pessoas LGBTI+ não conseguirão, em pleno século 21, ao menos, envelhecer? Se foi possível por um tempo ter orgulho e unir forças para criar ações coletivas de cuidado, hoje o medo da violência, de ser empurrado de volta para o armário e de morrer sozinho voltam a assombrar. (REBELLATO; CRENITTE, 2021, p. 3)

A despeito das atitudes e discursos coletivos pretensamente conservadores e normativos, o processo de envelhecimento da comunidade LGBTQIAPN+ é uma realidade e não reconhecê-lo provoca prejuízos significativos na participação social e na saúde dessa população. Apesar do discreto avanço das políticas públicas brasileiras no século XXI, os sistemas de proteção e de atenção estatal ainda são incipientes para atender adequadamente às demandas desse público.

As autoras Mendonça e Barbosa (2023) apontam que o panorama político nacional ainda é composto por homens cis, heterossexuais e brancos, o que contribui para a perpetuação de uma dinâmica de dominação e exclusão. A ausência de pessoas LGBTQIAPN+ no campo político faz com que as demandas desses sujeitos não sejam pauta de políticas públicas e sejam entendidas enquanto reivindicações de minorias sociológicas. Os pesquisadores Salgado *et al.* (2017) enfatizam a urgência da discussão sobre a escassez de políticas públicas destinadas às pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil e Pereira (2017) chama atenção para os desafios a serem enfrentados para mudar esse contexto de pouca efetividade e de ausência de dados sistematizados.

Diante dessa conjuntura, este artigo pretende articular algumas impressões surgidas no percurso da pesquisa “Convívio intergeracional e representações sociais de velhices LGBTQIA+: uma revisão de escopo”, realizada entre fevereiro e outubro/2023 com o apoio do Edital Acadêmico Itaú Viver Mais; além de refletir sobre inquietações das pesquisadoras acerca das velhices LGBTQIAPN+ e dos achados do estudo.

Nas buscas por material para compor o referencial teórico da citada investigação, evidenciou-se uma questão pouco discutida no meio acadêmico: onde estão as pessoas LGBTQIAPN+ que produzem ciência e pesquisas? Leia-se pesquisa aqui como um campo amplo que abrange segmentos distintos, e não se restringe à produção de narrativas sobre a própria comunidade. As pessoas LGBTQIAPN+, de fato, não estão participando ativamente da academia? Ou será que esses sujeitos não conseguem se expressar, devido aos preconceitos arraigados em diversas camadas da sociedade, inclusive no campo acadêmico-científico?

Maior e Quinalha (2023) apontam múltiplas razões que explicam a lenta expansão de pesquisadores LGBTQIAPN+. Até o início dos anos 2000, havia poucos professores dispostos, e/ou capacitados, a orientar trabalhos em estudos de gênero e sexualidade. Muitos professores *gays* e professoras lésbicas hesitavam em se concentrar nessa temática, em parte pela homofobia enraizada no mundo acadêmico. Muitos aliados heterossexuais não tinham certeza de que possuíam conhecimento suficiente sobre as questões que os seus alunos queriam estudar para orientá-los. Além disso, havia poucos estudantes transexuais nas universidades, e os que existiam enfrentavam enorme discriminação e marginalização.

Esses questionamentos geraram a necessidade de ampliar o olhar investigativo para além dos escritos tipicamente científicos, no intuito de encontrar algo o mais próximo possível de vozes representativas desse grupo populacional. Chegou-se, assim, ao cenário artístico-cultural, no qual notou-se a presença marcante de pessoas LGBTQIAPN+, com ênfase, neste caso, para o campo literário e para alguns produtos jornalísticos. Encontrou-se, nesses meandros, produções de grande impacto e capilaridade entre os sujeitos do próprio grupo, porém visivelmente não divulgadas e sem a justa repercussão na sociedade em geral.

É a partir desse quadro multifacetado que se vai discorrer a seguir sobre a presença ativa, e ao mesmo tempo ainda invisibilizada, da comunidade LGBTQIAPN+ no mundo da arte.

“A gente quer comida, diversão e arte”

Parafraseando Maior e Silva (2021), em “Páginas de Transgressão: a imprensa gay no Brasil”, busca-se neste artigo iluminar um novo paradigma de discurso e abrir espaço para narrativas construídas não *sobre*, mas *pela* comunidade LGBTQIAPN+ acerca de suas trajetórias de vida e de resistência, especialmente na delicada vivência das velhices e dos envelheceres. Pretende-se contribuir para a ruptura com o modo historicamente instituído de representar os sujeitos desse segmento, em uma tímida tentativa de reverberar suas vozes que falam de si, como protagonistas.

Sob essa perspectiva, é importante evocar a compreensão de Arnés (2016) de que a literatura é, também, um dispositivo político, através do qual se modulam múltiplas distribuições do que afeta nossos mundos sensíveis e onde novas relações aparecem. Nesse sentido, Dalcastagnè (2017, p.5, grifo do autor) acrescenta que:

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura [...].

É a partir dessa concepção ampliada - e por que não dizer revolucionária? - da expressão literária que será tecido o diálogo sobre o percurso de aproximação com alguns escritores e escritoras LGBTQIAPN+ e sobre suas obras literárias, que foram descobertas no itinerário da pesquisa acadêmico-científica.

Artes dissidentes

A tecitura dos encontros, ocorridos na trajetória das buscas científicas, será iniciada pela descoberta da pesquisadora e escritora Natalia Borges Polesso, uma mulher LGBTQIAPN+ que vem estabelecendo uma importante ponte entre arte e ciência. Ela é ganhadora de inúmeros prêmios literários, como por exemplo dois Prêmios Jabuti², conquistados com os livros “Amora” (2015) e “Corpos Secos” (2020).

Em “Amora”, Polesso (2015) expressa uma reflexão acerca de experiências múltiplas de ser lésbica no mundo e demonstra uma literatura que extrapola as caixinhas, trazendo representatividade para *todes* que também se reconhecem neste percurso. O livro é composto por 36 contos que revelam as complexidades que circundam os relacionamentos homoafetivos, expondo os amores, as violências, as liberdades e o caos experimentados em sentimentos e situações cotidianas. Dentre os escritos, o conto “Vó, a senhora é lésbica?” chamou especial atenção pela intersecção com a temática da pesquisa de revisão desenvolvida: velhices LGBTQIAPN+ e intergeracionalidade. A história retrata a tomada de consciência de um neto sobre a sexualidade da avó e evidencia a construção de uma percepção infantil despida de (pré)conceitos, malícias ou melindres, na qual uma dúvida surgida dos burburinhos familiares e da observação de uma prima declaradamente lésbica, é sanada por meio de uma pergunta simples que oportuniza voz à duas mulheres idosas cuja narrativa até então era velada.

No campo científico, ressalta-se o estudo de Polesso (2020) que mapeou, até dezembro/2019, escritoras LGBTQIAPN+ pelo mundo. Em uma amostra de 350 escritoras, 178 são brasileiras, dentre as quais 174 estão vivas e escrevendo atualmente, tanto com livros próprios quanto com participação em coletâneas; as demais 172 escritoras são estrangeiras, e, entre estas, 106 estão vivas e escrevendo agora. Esses dados dão legitimidade às suas existências e, em decorrência, podem dar visibilidade às suas produções.

Outra obra destacada é a coletânea de artigos acadêmicos e literários “O brilho das velhices LGBT+” (2021), organizado por Luis Baron, Carlos Eduardo Henning e Sandra Ortiz. É imprescindível frisar que, dentre os organizadores citados, Baron é um homem idoso LGBTQIAPN+ que milita pela garantia de direitos para a comunidade que representa³. O livro tem o objetivo de divulgar os desafios e as oportunidades

² O Prêmio Jabuti é considerado um patrimônio cultural brasileiro. É concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) desde 1959 e foi criado para conferir distinção às produções literárias nacionais mais significativas a cada ano. É dividido em eixos: literatura, não ficção, produção editorial e inovação. Conferir em: CBL, [2023].

³ Luis Baron preside a instituição EternamenteSou, uma organização sem fins lucrativos e espaço de convivência LGBTQIAPN+ que atua em São Paulo desde 2017. A ONG visa favorecer a inclusão social

relacionadas à vivência da velhice e do processo envelhecimento marcados pela diversidade sexual e de gênero. A edição reúne 20 textos de pessoas LGBTQIAPN+ com idade a partir dos 50 anos, que apresentam relatos de suas próprias experiências de vida.

Os organizadores da publicação destacam que as manifestações presentes nos artigos demonstram traços discriminatórios, de agressividade e de violência direcionados às pessoas LGBTQIAPN+ que, na maior parte do tempo, permanecem silenciadas e invisibilizadas. Discutem que tais conjunturas não são admissíveis em um modelo de sociedade que veicula as ideias de igualdade e de justiça social. Argumentam, ainda, que o preconceito não é reproduzido apenas de forma direta e consciente, mas que ele faz parte do inconsciente coletivo, sendo perpetrado por ideias que são transmitidas entre as gerações, sem grandes questionamentos ou movimentos de desconstrução. Ademais, enfatizam que a população LGBTQIAPN+ é um grupo multifacetado e, portanto, é preciso considerar que cada subgrupo dessa população vivencia vulnerabilidades específicas que impactam suas trajetórias (BARON; HENNING; ORTIZ, 2021).

O livro reforça a importância do protagonismo narrativo de pessoas oprimidas para estimular reflexões críticas sobre as desigualdades sociais e para a construção de propostas de cuidado integral. Realça, também, que estudar e estabelecer políticas sobre LGBTfobia sem oferecer espaços para que pessoas LGBTQIAPN+ possam exercer seu protagonismo de fala tende a reproduzir a hetero-cis-norma que as exclui (BARON; HENNING; ORTIZ, 2021).

Em “Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil” (2023), organizado por Paulo Souto Maior e Renan Quinalha, são apresentados 24 artigos produzidos por pesquisadores e representantes da comunidade LGBTQIAPN+. O propósito da edição é contribuir para a produção de novos conhecimentos para transformar a compreensão do passado e do presente no Brasil, sob a perspectiva de pessoas consideradas dissidentes de gênero e de sexualidade. A obra integra uma importante intervenção política dentro da academia, para inspirar outros trabalhos que façam emergir as vidas e as subjetividades das pessoas LGBTQIAPN+ em diversos momentos históricos e lugares do país.

Destaca-se da coletânea o artigo “Velhices gays nas publicações homoeróticas brasileiras (1978-2013)”, cuja intenção foi investigar a trajetória das publicações jornalísticas voltadas ao público *gay* no Brasil, comunicando-se diretamente com a produção “Páginas de Transgressão: a imprensa gay no Brasil” de Maior e Silva (2021). Ambas as obras apontam “Lampião da Esquina”, “*Sui Generis*” e “GMagazine” como marcos editoriais importantes para o desenvolvimento do que se convencionou chamar de *imprensa gay* e indagam os conceitos de velhice apresentados nas publicações. É fundamental notar que, mesmo com propostas diferentes, as três são voltadas para um público *gay* específico, que aprecia homens jovens, viris e musculosos; e trazem, em menor número, matérias sobre pessoas idosas

e o protagonismo, para proporcionar uma velhice digna e a promoção da cidadania LGBTQIAPN+. Conferir em: ETERNAMENTESOU, [202?].

LGBTQIAPN+, que aparecem sob o estigma das *bichas velhas* (MAIOR; QUINALHA, 2023).

O “Lampião da Esquina” foi um jornal homossexual brasileiro que circulou entre os anos de 1978 e 1981. Nasceu dentro do contexto da imprensa alternativa no período de abertura política, no final dos anos 1970, sob o crivo da censura promovida pela ditadura militar no Brasil. Os lampiônicos tratavam a velhice e os velhos *gays* como algo assustador, que deveria ser escondido, e questionam a presença das *bichas velhas* em locais de sociabilidade frequentados por homossexuais *não-velhos*. A despeito dessa narrativa discriminatória, pessoas idosas enviavam cartas para serem publicadas no jornal, em busca de encontros amorosos, reiterando que a sexualidade não se esgota com o passar dos anos (MAIOR; SILVA, 2021; MAIOR; QUINALHA, 2023).

A revista “*Sui Generis*” foi uma publicação da *imprensa gay* brasileira veiculada entre os anos 1995 e 2000. Assim como seus correlatos históricos já citados, a revista configurou-se como um espaço produtor e reproduzidor tanto de representações quanto de processos de agenciamento de identidades e relações de gênero e sexualidade.

Maior e Quinalha (2023) realizaram um levantamento de 55 edições da “*Sui Generis*” e encontraram 35 textos, entre reportagens, entrevistas, notícias e artigos, nos quais eram mencionados velhos LGBTQIAPN+ ou que falavam sobre a velhice, mas poucos que abordavam vivências de relacionamentos amorosos e se pode considerar inexistente qualquer menção a relacionamentos afetivos intergeracionais. Uma questão muito marcante foi o apontamento dos velhos como depositários de memórias, o que também foi realçado na obra de Maior e Silva (2021).

Em abril/1997, as bancas de jornais de várias cidades do Brasil receberam a publicação chamada “Bananaloca”, uma revista de circulação mensal de conteúdo erótico direcionada para o público *gay*. Algumas edições depois, a publicação passou a se chamar “GMagazine” e a divulgar o slogan “A revista do homem com G maiúsculo”. Em seu período de circulação, 1997 até junho/2013, foram 176 edições e apenas uma delas exibiu homens 60+, o que só ocorreu após solicitações de leitores. Maior e Quinalha (2023) destacam que, mesmo na sociedade contemporânea, muitas pessoas LGBTQIAPN+ ainda percebem a velhice como um demérito e o corpo velho como um saco de ossos que, em breve, voltará a ser carbono. O direito recente ao envelhecimento, ainda é parcamente reconhecido como algo positivo pela própria comunidade, que reproduz intergeracionalmente a supervalorização dos símbolos da juventude.

Inquietações finais

Em um país pseudo-democrático, vive-se com uma destoante representatividade de diversos segmentos, dentre os quais figuram as velhices LGBTQIAPN+. Se por um lado são muitos os espaços que esta comunidade ainda precisa acessar, pois, infelizmente, as minorias continuam com as vozes silenciadas. Por outro, são poucos os recursos para busca de expressão, em decorrência do preconceito enraizado em nossa sociedade.

A literatura é um espaço político relevante para a comunidade LGBTQIAPN+, contudo suas manifestações nesse campo ainda são pouco divulgadas e mencionadas nos meios de comunicação. Assim, é imprescindível enfatizar suas produções, na busca por amplificar vozes representativas que podem concorrer para a transformação de trajetórias de vida e o alcance de uma nova ordem societária, pautada por uma sociabilidade mais respeitosa e humana.

Há de ser intento grandioso, mas se de alguma forma tiver sido possível contribuir para combater apagamentos, silenciamentos e estigmatizações, este artigo cumpriu o seu objetivo precípua, ainda que sob a consciência de que se trata de uma ação incipiente em face da complexidade da trama social que enreda os sujeitos, velhos ou não, LGBTQIAPN+ em nossos tempos.

Ressalta-se que a arte também envelhece e, nesse percurso, é necessário lançar luz sobre essa parcela da população que ao longo da vida sofre muitas violações de direitos, mas que busca novas formas de resistência e meios alternativos para se expressar.

O espaço acadêmico é um campo que precisa ser desbravado com maior rigor, a estrada a ser percorrida é longa, porém no atual cenário brasileiro vê-se nascerem pesquisas importantíssimas que suscitam os debates *sobre, para e com* a população LGBTQIAPN+. Na seara da gerontologia, o caminho parece mais árido e, mesmo que soe redundante, ainda mais solitário.

Fato é que a busca de quem se propõe a trilhar esse percurso, seja nas artes e/ou nas ciências, é por construir espaços mais acolhedores para *todes*. Trazer vozes LGBTQIAPN+ para o primeiro plano e dar-lhes o protagonismo que lhes pertence, é falar de inclusão para aqueles que ainda hoje estão em busca de proteção, é tentar garantir o direito de expressão aos que permanecem precisando lutar pelo direito de existir.

Referências

ARNÉS, L. A. **Ficciones lesbianas**: literatura y afectos en la cultura argentina. Buenos Aires: Madreselva, 2016.

BARON, L.; HENNING, C. E.; ORTIZ, S. R. M. (org.) **O brilho das velhices LGBT+**: vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+. São Paulo: Hucitec, 2022.

CBL. Câmara Brasileira do Livro. **65º Prêmio Jabuti**. [on-line]. [2023]. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/>.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2017.

ETERNAMENTESOU. **Quem somos**. [on-line]. [202?]. Disponível em: <https://eternamentesou.org/>.

FERNANDES, Y. Não estamos vendo ou não queremos ver nossos idosos LGBTQ+?. **Folha de São Paulo** - São Paulo - 14 dez. 2020. [on-line], p. 1-5.

MAIOR, P. S.; QUINALHA, R. **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

MAIOR, P. S.; SILVA, F. R. **Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.

MENDONÇA, R. R. S. de; BARBOSA, C. C. D. A participação política LGBTQIA+ como caminho para a garantia de Direitos Humanos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa-MG, v. 34, n. 1, 2023.

PEREIRA, C. F. **Políticas públicas LGBT e construção democrática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

POLESSO, N. B. **Amora**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

POLESSO, N. B. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, p. e611, nov. 2020.

REBELLATO, C.; CRENITTE, M. Por que falar de velhices LGBTQ+?. **Folha de São Paulo** - São Paulo - 14 jul. 2021. [on-line], p. 1-9.

SALGADO, A. G. A. T. *et al.* Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciências Psicológicas**, Montevideu/Uruguai, v. 11, n. 2, p. 155-163, nov. 2017.

Data de recebimento: 25/09/2023; Data de aceite: 25/09/2023

Camila Rocha Ferreira - Graduada em Serviço Social na Universidade Cruzeiro do Sul (2004) onde foi bolsista (CNPQ) e do Programa de Iniciação Científica da própria Universidade; Tem Aprimoramento Profissional em Serviço Social Hospitalar (2006) onde foi bolsista FUNDAP; Pós Graduada em: Organização e Gestão de Políticas Sociais - FMU (2008); Psicopatologia e Saúde Pública - USP (2012) e Gestão de Redes de Atenção à Saúde - Fiocruz (2017). Supervisora do Programa de Acompanhante de Idosos na Saúde Pública em SP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP) integrante do Grupo de Pesquisa Envelhecimento, Rede de Suporte Social e Políticas Públicas (ENREPO) sob coordenação e orientação da Prof^a. Dra. Marisa Accioly e Coordenadora da pesquisa apoiada pelo Edital Acadêmico Itaú Viver Mais 2022

Germanne Patricia Nogueira Bezerra Rodrigues Matos - Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-graduação em Tanatologia. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Assistente Social Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, em exercício no Serviço Psicossocial Vocacional, onde coordena a Comissão de Pesquisa. Pesquisadora social no campo da gerontologia, com ênfase nos estudos sobre relações intergeracionais. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Envelhecimento, Rede de Suporte Social e Políticas Públicas (ENREPO), sob coordenação e orientação da Profa. Dra. Marisa Accioly. Integrante da Oficina Ger@ções, do Programa USP60+ (EACH/USP), sob supervisão da Profa. Dra. Meire Cachioni. Pesquisadora apoiada pelo Edital Acadêmico Itaú Viver Mais 2022, em parceria com o Portal do Envelhecimento e Longeviver (2023).

Marisa Accioly Rodrigues da Costa Domingues - Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), doutora e mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e professora-doutora do curso Gerontologia no bacharelado e na pós-graduação EACH/USP e Coordenadora do Grupo de Pesquisa ENREPO. Pesquisadora do Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS/PT). Membro voluntário da Frente Nacional de Fortalecimento das Instituições de Longa Permanência para Idosos (FN ILPI).